A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE CATEQUESE NO BRASIL DOS SÉCULOS XVI E XVII

Paulo CASTAGNA

CASTAGNA, Paulo. A música como instrumento de catequese no Brasil dos séculos XVI e XVII. *D.O. Leitura*, São Paulo, ano 12, n.143, p.6-9, abr. 1994

A 29 de março de l549, desembarcavam os primeiros jesuítas na Bahia, com o difícil propósito de obter a "conversão do gentio". Essa empresa já estava sendo preparada pela Igreja, pelo menos, duas décadas antes de se concretizar o fato. Pela bula *Inter Arcana*, de 8 de maio de 1529, o Papa determinava que "*as nações bárbaras venham ao conhecimento de Deus não só por meio de éditos e admonições, como também pela força e pelas armas, se necessário, para que suas almas possam participar do reino do céu*".[1]

A conquista de novas almas era uma das tarefas inevitáveis que assumia a Igreja, no combate às "novidades alemãs", como se ouvia dizer no século XVI. Ao lado dessa estratégia, a Contra Reforma seria estruturada nas decisões do Concílio de Trento (1546-1563), recebendo o apoio do rei de Portugal, antes mesmo de começarem as reuniões, como se observa pela declaração de 23 de junho de 1545: "*por que asy como na eixecuçam do que o Sagrado conçilio Determinar ey eu de trabalhar por fauorecer e aJudar com todas as minhas forças e de meus Regños*".[2]

Da cristianização, encarregou-se principalmente a Companhia de Jesus, cujas atividades se iniciaram com o pacto de 15 de agosto de 1534. Favorecida, desde o princípio, pelo soberano português, o qual se propunha a colaborar de todas as formas possíveis para deter o avanço do luteranismo e do calvinismo, inclusive pela iniciativa de colonizar a "Terra do Brasil" em prejuízo das tentativas francesas, a Companhia aceita o apelo de D. João III para promover a evangelização nas terras do ocidente. Submeter os "brasílicos" ao rei de Portugal e ao Deus de Roma tornava-se a máxima da Companhia de Jesus na "Província do Brasil".

Apesar de outras ordens católicas enviarem missionários para a América Portuguesa, foram os inacianos os que mais se empenharam na catequese dos indígenas, até que a lei de 3 de setembro de 1759 os obrigasse a se retirar de seus domínios. E, tão logo se iniciava a aventura, seus representantes inauguravam, dentre todos os métodos que utilizariam, uma prática que, com pequenas diferenças, subsiste até hoje nos sertões do país: o ensino de orações e outros textos cristãos cantados, na "língua brasílica" e na língua do conquistador.

O ensino musical, durante a permanência dos jesuítas no Brasil, sempre foi intenso, desempenhando forte papel no ministério com os indígenas. Da insistência nessa "arte", surgiriam índios capazes de reproduzir todas as manifestações musicais básicas do culto cristão, os "nheengaribas" ou "músicos da terra", como seriam conhecidos entre os portugueses. Nas missões do Sul, no século XVIII, alcançaram um estágio extraordinário de desenvolvimento, construindo seus próprios instrumentos e executando música européia de relativa complexidade técnica.

---

[1] DOURADO, Mecenas. *A conversão do gentio*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958. p. 25.

[2] BRANDÃO, Mário (org). *Documentos de D. João III*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1938. v 2, p. 257-258.

Mas a matéria da qual nos ocuparemos não é a do ensino musical adiantado, aplicado somente aos indígenas que se mostrassem mais dotados e freqüentassem as classes supe riores. Interessa-nos o ensino básico, rural e itinerante, das "casas" e aldeias da Companhia, onde os "curumins" - meninos indígenas - recebiam os elementos necessários e suficientes para a vida cristã: musicalmente, aquele que resultaria no efeito que José Ramos Tinhorão cunhou de "*a deculturação da música indígena*",[3] cuja função era substituir a tradição musical nativa, por um repertório essencialmente católico.

A sistematização da "língua geral" ou tupi, foi obtida com enorme rapidez. Em 10 de abril de 1549, Manoel da Nóbrega informa, da Bahia, que trabalhou "*por tirar em sua lingoa as orações e algumas practicas de N.Senhor*"[4] e, de Porto Seguro, a 6 de janeiro de 1550, que o P. Juan de Azpilcueta Navarro "*Fa etiam a la notte cantare a li putti certe orazioni che li ha insegnato nella loro lingua, dando- li esso il tuono, et queste in loco di certe canzone lascive et diaboliche che usavano prima*".[5] Nóbrega dá a entender que, por essa época, Navarro já compunha ou adaptava melodias européias pré-existentes ("*dandoli esso il tuono*") aos textos religiosos que traduzia "nella loro lingua".

Navarro é, de fato, o primeiro jesuíta que se dedica com afinco a essa nova prática. Por uma carta que escreveu da Bahia, em 28 de março de 1550,[6] ficamos sabendo que ensinava o canto das orações em português e em tupi, agora, com a utilização de melodias indígenas ("*en modo de sus cantares*"):

> "[...] *los mandamientos y otras oraciones, tengo tiradas las quales siempre les insiño así en la nuestra lengua como en la suia, y el Pater Noster tire en modo de sus cantares para que mas presto aprendiessen y gustassen, principalmente para los muchachos, a los quales enseno que las digan sobre los dolientes las dichas oraciones, mediante las quales se allan mejor.* [...]".

Rapidamente, essas orações começaram a se difundir como instrumentos práticos de catequese. Em 1551 são encontradas nas aldeias de Pernambuco,[7] em 1552 no Rio de Janeiro,[8] em 1553 em São Vicente,[9] em 1554 no Espírito Santo[10] e em Piratininga (Sao Paulo).[11] As versões em português eram úteis para o aprendizado da nova língua e as em tupi para a disseminação das idéias cristãs entre os catecúmenos e entre seus pais, menos suscetíveis ao abandono da "gentilidade".

---

[3] TINHORÃO, José Ramos. A deculturação da música indígena brasileira. *Revista brasileira de Cultura*, Rio de Janeiro, n. 13, jul/set 1972, p. 9-25.
[4] LEITE, Serafim. *Monumenta Brasiliae*. Roma: Monumenta Historica S.I., 1956. v. 1, doc. 5, p. 112.
[5] LEITE, Serafim. Op. cit., v. 11, doc. 10, p. 159.
[6] LEITE, Serafim. Op. cit., v. 1, doc. 14, p. 180.
[7] Carta de Antonio Pires aos Padres e Irmãos de Coimbra. Pernambuco, 2 de agosto de 1551. In: LEITE, Serafim. Op. cit.,v. 1, doc. 31, p. 258.
[8] Carta anônima aos Padres e Irmãos de Portugal. São Vicente, 10 de março de 1553. In: LEITE, Serafim: Op. cit., v. 1, doc. 59, p. 429.
[9] Carta de Antonio Rodrigues aos Padres e Irmãos de Coimbra. São Vicente, 31 de maio de 1553. In: LEITE, Serafim. Op.cit., v. 1, doc. 65, p. 478-479.
[10] Carta de Brás Lourenço aos Padres e Irmãos de Coímbra. Espírito Santo, 26 de março de 1554. In: LEITE, Serafim. Op.cit., v.2, 1957, doc. 13, p. 43.
[11] Carta de Pero Correia a Brás Lourenço, S. Vicente, 18 de julho de 1554. In: LEITE, Serafim. Op. cit., v. 2, 1957, doc.17, p. 70.

Não somente as orações, mas as "*cantigas de Nosso Senhor polla lingoa*"[12] eram fáceis de aprender e quase sempre bem recebidas pelos "meninos da terra", já que a música era elemento tão comum na cultura dos indígenas da costa brasileira.

Foi talvez com essa técnica, que os jesuítas lograram os maiores sucessos no ensino básico, uma vez que as dificuldades no contato com os "brasís" foram permanentes, mantendo sempre distantes os ideais da "conversão".

Resultados maiores sempre foram isolados, como o dos dois meninos indígenas que "*sabem bem ler e escrever e cantar*", os quais pretendia Nóbrega enviar a Lisboa para "*aprenderem lá virtudes hum anno e algum pouco de latim, pera se ordenarem como tiverem idade*".[13] Ainda que temporariamente manifestassem sua prodigiosidade no aprendizado cristão, pois, via de regra, tornavam aos costumes tribais, tão logo terminasse sua condição de catecumenos, o aproveitamento de casos excepcionais fez com que sempre fosse possível encontrar, aqui e acolá, "curumins" que desenvolvessem uma habilidade na música católica bastante próxima àquela observada e uma igrejas portuguesas, como atestam os relatos. Assim é que, já em 1551, existem meninos indígenas que "*cantam todos una missa cada dia",[14] logo surgindo os que cantam "missa de canto de órgano*"[15] e os que aprendem "*cantar y tañer frautas*",[16] fenômeno que resultou em casos surpreendentes, ainda em fins do século XVI e que, por falta de espaço, não podemos abordar neste trabalho.

Mas, se a prática simples do canto de orações em português e em tupi se mostrou eficaz em um primeiro momento, Nóbrega e seus seguidores têm de enfrentar, em 1552, vários problemas com relação ao seu procedimento. Pero Fernandes Sardinha, o primeiro bispo da Província do Brasil, chegado à Bahia em outubro de 1551, não aprovou o uso de música tradicional indígena na catequese. Em julho de 1552, D. Pero escreve ao Padre Provincial, denunciando a pratica entre os "meninos órfãos", colaboradores dos jesuítas, que desde janeiro de 1550 embarcavam para o Brasil.[17]

> "*Los niños huérfanos antes que yo viniesse tenían costumbre de cantar todolos domingos y fiestas cantares de nuestra Señora al tono gentilico, y tañeren ciertos instrumentos que estes bárbaros tañen y cantan quando quieren bever sus vinos y matar sus inimigos. Platicé sobre esto con el Padre Nobrega y con algunas personas que saben la condición y manera destos gentiles, en especial con el que lleva esta, que se llama Pablo Díaz, y allé que estos gentiles se alaban que ellos son los buenos, pues los Padres y niños tañian sus instrumentos y cantavan a su modo. Digo que Padres tañian, porque en la compañia de los niños venia hun Padre sacerdote, Salvador Rodrigues; tañia y dançava y saltava con ellos. Y tanto por esto ser en favor de la gentilidad, y con poco fruto de la fee y conversán, y con menos reputacióon de la Compañia, como también por el inventor destoser un Gaspar Basbosa, el qual en la ciudad de Lixbona huyó del*

[12] Carta de Manoel da Nóbrega a Simão Rodrigues. Bahia, 10 de junho de 1552. In: LEITE, Serafim. Op. Cit., v. 1, 1956, doc. 48, p. 350.
[13] Idem supra, p. 353.
[14] Carta de Atonio Pires aos Padres e Irmãos de Coimbra. Pernambuco, 2 de agosto de 1551. In: LEITE, Serafim. Op.cit., v.1 cit., v. 1, 1956, doc. 31, p. 258.
[15] Carta anônima aos Padres e Irmãos de Portugal. São Vicente, 10 de março de 1553. In: LEITE, Serafim. Op. cit., v. 1, 1956, doc. 59, p. 429.
[16] Carta de Manoel da Nóbrega a Luís Gonçalves da Câmara. São Vicente, 15 de junho de 1553. In: LEITE, Serafim. Op.cit., v. 1, 1956, doc. 69, p. 497.
[17] LEITE, Serafim. Op. cit., v. 1, 1956, doc. 49, p. 359-360.

> *carcel y se acogió a la See,y de allí en la metad del día se descyó por una soga, y vino despues degradado acáa para siempre;* [...]. *Este es el que inventó esta curiosa y suprestiosa gentilidad,y él mismo cantava y tañia por las calles con los niños y Padres. La qual cosa defendí para quitar gentilidad que tan mal parecia a todos."*

Ao mesmo tempo, Nóbrega escreve ao P. Simão Rodrigues sobre a posição do bispo, informando que "*Sam eu tão mao, que sospeito que nom ha por bem feyto senao o que elle ordena e faz, e todo o mais despreza*".[18] Concordasse ou não, Nóbrega sabia que já eram comuns as duas formas de ensino musical na Bahia, "de cantigas, pella lingoa e em português", como escreve francisco Pires, a 7 de agosto de 1552[19] e "cantando [...] y tañiendo a modo de los negros [*isto é, indios*] y con sus mesmos sones y cantares, mudadas las palabras en loores de Dios", como relatam os Meninos órfãos, a 5 de agosto de 1552.[20]

Não resta dúvida sobre a ativa participação dos meninos órfãos no desenvolvimento e difusão dessa prática, ainda que o bispo acusasse Salvador Rodrigues e Gaspar Barbosa de serem os inventores dessa "*curiosa y suprestiosa gentilidad*". Da mesma carta, de 5 de agosto, é possível concluir que os meninos levavam às aldeias indígenas, tanto orações e cantigas com letra e melodia cristã ("*música que nunca oyeron*") quanto aquelas com letra cristã e música indígena ("*al modo dellos*"), justificando sua atuação pela opinião de Nóbrega:[21]

> "*En esta Aldea* [do Grilo, em abril de 1552] *uvo muchas fiestas donde los niños cantaron y holgaron mucho, y de noche se levantaron al modo de ellos y cantaron y tañeron con tacuaras, que son unas canas grossas con que dan en elsuelo y con el son que hazen cantan,y con maracás, que sonde unas frutas unos cascos como cocos y aguierados con unos palos por donde dan y pedrezuelas dentro con lo qual tañen. Y luego los ninos cantando, de noche (como es costumbre de los negros), se levantan de sus redes e andavan espantados en p os de nosotros. Parezeme, segun ellos son amigos de cossas músicas, que nosotros tañendo y cantando entre ellos los ganaríamos, pues differencia ay de lo que ellos hazen a lo que nosotros hazemos y haríamos si V. Ra. nos hiziesse proveer de algunos instrumentos para que acá tañamos (imbiando algunos niños que sepan tañer), como son flautas, y gaitas, y nésperas, y unas vergas de yerro con unas argollicas dentro, las quales tañen dando con un yerro en la verga; y un par de panderos y sonajas. Si viniesse algun tamborilero y gaitero acá, parezeme que no havría Principal que no diesse sus hijos para que los enseñassen.*
> "*Y junto con esto, como el Pe. Nóbrega determina yr lejos por la tierra adentro, yrian seguros con esto, porque los negros e sus contrarios (a los quales quieren muy mal,tanto que se comen unos a otros) los dexan entrar en sus tierras y casas, si les traen tañeres y cantares, y assi los nonbran santidades y les dan quanto tienen porque les dizen muchas cosas falsas y mentiras que el demonio, su padre, les enseña. Pues si esto que los negros*

---

[18] Carta de Manoel da Nóbrega a Simão Rodrigues. Bahia, fins de julho de 1552. In: LEITE, Serafim. Op. cit., v. 1, 1956, doc.51, p. 373.
[19] LEITE, Serafim. Op. cit., v. 1, 1956, doc. 53, p. 396.
[20] LEITE, Serafim. Op. cit., v. 1, 1956, doc. 52, p. 385.
[21] Idem supra, p. 383-384.

> *saben que son mentiras y enganos, y assi lo confiessan, los atrae, qué harán si con música, que nunca oyeron, les predicáremos la verdad del mismo Dios exercitada en nuestras almas? Quien tendrá duda sino que tremerán los demonios y sus poderíos como nublados ante el sol ? Esto dize el Padre Nóbrega y téngolo por muy cierto, porque los niños tienen muchos sermones estudiados y tañen e cantan al modo dellos, lo qual huelgan de oyr.* [...]".

Pouco tempo depois, Nóbrega volta a escrever a Simão Rodrigues, a fim de consultá-lo sobre a questão, pois "*Com a vinda do Bispo se moverão algumas dúvidas, nas quais eu não duvidava, porque sam soberbo e muito confiado em meu parecer*".[22] Dentre todos os problemas que aborda, é claro no tocante ao uso da música indígena ("*cantar ... pelo seu toom*"):

> "*Item. se nos abraçarmos com alguns custumes deste gentio,os quais não são contra nossa fee catholica, nem são ritos dedicados a idolos, como hé cantar cantigas de Nosso Senhor em sua lingoa pello seu toom e tanger seus estromentos de musica que elles usam em suas festas quando matao contrairos e quando andão bebados; e isto para os atrahir a deixarem os outros custumes esentiais e, permitindo-les estes, trabalhar por lhe tirar os outros;* [...]"

Não conhecemos a resposta do P. Provincial, mas é quase certo que a utilização de instrumentos indígenas não foi bem aceita em Portugal, uma vez que esse tipo de relato não volta a ocorrer, mesmo após a morte do bispo. Aliás, a prática mesmo dos "bailes" indígenas será constantemente proibida, como nas *Atas da Camara da Vila de São Paulo*, em 19 de janeiro de 1583[23] e em 21 de outubro de 1623,[24] ou permitida apenas em certos dias e horários, como na *Visita de Antonio Vieira ao Pará*, em 1658.[25]

Ao que tudo indica, a partir de 1553 somente será permitido o uso de música cristã nos estabelecimentos da companhia. Os "tañeres" índigenas passam a ser conhecidos apenas para deles se extraírem informações que auxiliem a catequese, como se encarregou pessoalmente o bispo Sardinha, enviando ao Reitor do Colégio de Santo Antão de Lisboa, em 6 de outubro de 1553, um "tratadillo" sobre o assunto.[26] Recuperar a música católica empregada nessas ocasiões, provavelmente formas portuguesas de "cantochão", é tarefa extremamente difícil, sem falar na música indígena utilizada até 1552, sobre as quais não podemos discorrer neste trabalho. Contudo, alguns textos em tupi já são conhecidos, apesar de não terem sido estudados, até o presente sob o ponto de vista musicológico.

Pero Doménech chegou a enviar ao próprio Inácio de Loyola, em outubro de 1552, uma versão do "*Pater Noster en lingua brasil*", infelizmente nunca encontrada. Mas há indícios de serem desta primeira fase da catequese um conjunto de textos religiosos em tupi impressos por André Thevet, em sua *Cosmographie Universelle*, de 1575

---

[22] Carta de Manoel da Nóbrega a Simão Rodrigues. Bahia, fins de agosto de 1552. In: LEITE, Serafim. *Op. cit*., v.1, 195, doc. 54, p. 406-407.
[23] ATAS da Camara da Villa de S. Paulo 1562-1696, São Paulo, Archivo Municipal, v. 1, 1914, p. 201.
[24] ATAS da Câmara da Villa de São Paulo 1623-1628 . Idem, v. 3,1915, p. 56.
[25] LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro; Lisboa, Livraria Portugalia, 1943. v. 4, cap. II, p. 113.
[26] LEITE, Serafim. *Monumenta Brasiliae*. Idem, v. 1, 1957, doc.2, p. 11.

Thevet esteve no Rio de Janeiro entre 10 de novembro de 1555 e 31 de janeiro de 1556, onde encontrou Cunhambeba, principal tupinambá aliado dos franceses. O cosmógrafo do rei afirma que, levado pela curiosidade de Cunhambeba, resolveu "*tourner & reduire en leur lãgue, auec vn esclaue Chrestiê, nostre oraison Dominicale, la salutatiõ Angelique, & le Simbole des Apostres: afin d'attirer ce grand Roy, & tous ses subiets, à la cognoissance de leur salut, & admiration des faits de Dieu*".[27] Essa informação provavelmente foi forjada por Thevet, uma vez que os franceses não empreenderam qualquer tipo de catequeses no Rio de Janeiro, sabendo-se ainda, que jesuítas ja haviam estado com índios daquelas localidades, onde, em fins de 1552, "*les hazia decorar cantares de N. Señor en su lengua y les hazia cantar*".[28] De alguma maneira, Thevet obteve versões escritas por jesuítas, justamente dos principais textos utilizados por eles na catequese,[29] possivelmente ouvindo-os de algum índio que os aprendeu com padres da Companhia, talvez mesmo seu "*esclaue Chrestiê*". Sejam ou naõ de origem jesuítica, são essas as versões mais antigas que se conhecem do *Pater Noster*, da *Ave Maria* e do *Credo* em tupi, graças à publicação de Andre Thevet.

Uma nova fase se inicia, por essa época, com a intensificação do uso de orações e de "cantigas", gênero originalmente português e profano, mas com nova letra, agora cristã e, na maioria das vezes, vertida para o tupi. São "*cantares de Dios en su lingua*",[30] "*Salve e ladainhas*",[31] o "*rosário do Nome de Jesu*",[32] "*cantares devotos y diversos*" e o "*Veni Creator Spiritus*",[33] além da costumeira música para as missas e festas, inclusive com o uso de instrumentos.

Papel importantíssimo, nessa fase, desempenhou José de Anchieta, no Brasil de 1553 a 1597. Quirício Caxa, em 1598, informa que "*compôs também Cantigas devotas na língua, para que os moços cantassem*"[34] e Pero Rodrigues, em 1607, afirma que "*Mudaua cantigas profanas ao divino, e fazia outras nouas, ha onrra de Deus e dos santos, q. se cantauã nas Igrejas e pellas ruas e praças, todas muy devotas com que. a gente se edeficaua, e mouia ha temor e amor de Deus*."[35]

Um volume das poesias de Anchieta foi recuperado e está hoje impresso.[36] Escritas em português, tupi, espanhol e latim, grande parte delas destinava-se ao canto, havendo, entre os próprios depoimentos que no século XVII se anexaram aos processos

---

[27] THEVET, André. *La Cosmographie Universelle* [...]. Paris: Guillaume Chandiere, 1575. v. 2, cap. VIII, f. 294v.

[28] Carta anônima aos Padres e Irmãos de Portugal. São Vicente, 10 de março de 1553. In: LEITE, Serafim. *Monumenta Brasiliae*. Idem, v.1, 1956, doc. 59, p. 429.

[29] THEVET, André. Op. cit., v. 2, 1575, cap. VIII, f. 925r.

[30] Carta de José de Anchieta a Inácio de Loyola. Piratininga, setembro de 1554. In: LEITE, Serafim. *Monumenta Brasiliae* Idem, v. 2, 1957, doc. 23, p. 112.

[31] Carta de Antonio Rodrigues a Manoel da Nóbrega. Paraguaçu (Bahia), 28 de setembro de 1559. In: LEITE, Serafim. *Monumenta Brasiliae*. Idem, v. 3, 1958, doc. 26, p.155.

[32] Carta de Rui Pereira aos Padres e Irmãos de Portugal. In: LEITE, Serafim. Idem supra, v. 3, 1958, doc. 40, p. 296.

[33] Carta de Amaro Gonçalves a Francisco de Borja. Bahia, 16 de janeiro de 1568. In: LEITE, Serafim. Idem supra, v.4, 1960 doc. 60, p. 440 e 445.

[34] CAXA, Quirício. Breve relação da vida e morte do P . Jose de Anchieta (1598). In: LEITE, Serafim. A primeira biografia inédita de José de Anchieta. *Broteria*, Lisboa, v. 18, mar/abr. 1934, p. 14.

[35] RODRIGUES, Pero. Vida do Padre José de Anchieta pelo Padre Pedro Rodrigues conforme a cópia existente Biblioteca Nacional de Lisboa (1607). *Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, v. 29, 1907, p. 209.

[36] ANCHIETA, Joseph de. *Poesias*; Manuscrito do século XVI, em portugues, castelhano, latim e tupi; transcrição, traduções e notas de M. de L. de Paula Martins. São Paulo: Ed.Comemorativa do IV Centenário da Fundação de São Paulo, 1954. 833 p. (Museu Paulista, Documentação Linguistica, 4; Boletim 4)

para a sua beatificação, relatos de pessoas que declararam ter entoado tais cantigas.[37] Mas a informação mais importante que aparece nesse volume, são as indicações, em algumas das poesias, da melodia que deveria ser utilizada.

Anchieta registrou, ao lado de alguns textos, o nome de cinco melodias ibéricas, todas já desconhecidas: "*Canção do moleiro*" (canção), "*El ciego amor*" (cantiga), "*Quien tiene vida en el cielo*" (cantiga), "*O sem ventura*" (toada) e "*Querendo o alto Deus*" (cantiga). O emprego de melodias pré-existentes foi informado somente por Anchieta, mas é um indício de que o processo deveria ser comum no século XVI.

A proliferação desses gêneros e a necessidade de sua sistematização estimulará, a partir da década de 1570, a produção de catecismos em tupi, para uso dos padres. Um autor anônimo do século XVI informa que "*El pe. Leonardo* [do Vale] *compuso este año* [1574] *una doctrina en la lengua del Brasil quasi tresladando la q hizo el Pe. Marcos* Jorge [em 1571]."[38] Escrevendo sobre os índios das aldeias da Bahia, já em 17 de dezembro de 1577, Luís da Fonseca declara que "*Les Dimanches & iours de festes leurs enfans vont chantant par les rues le Catechisme en langue Brasiliane, & Portugaise si dextrement, qu'ils ne adent en riê aux enfans des Portugalois*".[39] Lemos Barbosa, em 1952, resume da seguinte maneira o surgimento dos primeiros catecismos em tupi:[40]

> "*Desde os primeiros tempos jesuíticos se cuidou de traduzir para o tupi um resumo do catecismo cristão. Em São Vicente, o irmão* Pero Correia, *'o melhor língua do Brasil' (Nóbrega), escreve a* Suma da Doutrina Cristã. *Na Bahia em 1574, o Padre* Leonardo do Vale, *'príncipe dos línguas do Brasil', traduz a* Doutrina Cristã, *escrita em 1571 pelo P. Marcos Jorge em forma de perguntas e respostas; e também a preparação para a confissão, batismo e morte, além de um confessionário. Em 1575, a Congregação Provincial, na Bahia, pede a impressão da* Doutrina Cristã. *Em 1586, o P.Gouveia recomenda que se tenha no livro das casas a* Doutrina *e o* Diálogo. *Em 1592, a Congregação torna a solicitar a impressão da* Doutrina Cristã, *juntamente com a* Arte de gramática *do P.* José de Anchieta. *O P. Marçal Beliarte sublinha: 'Quarenta anos há que se compôs'. Foi dada a autorização para ambas as obras. A informação de* Agostinho Ribeiro *(setembro de 1594) refere-se a 'Estes livros de Gramática e Diálogos, compostos pelo Padre José de Anchieta'. A Licença do Santo Ofício (Lisboa, 17 de dezembro de 1594) declara: 'podem-se imprimir estes livros de Gramática e Diálogos...' De fato, em 1595 foi impressa a* Arte de Anchieta, *não porém os* Diálogos. [...]"

Somente em 1618 se publicou o primeiro catecismo "brasílico", dirigido por Antonio de Araújo (*Catecismo na língua brasílica*...),[41] reimpresso em 1686, com correções e atualização da língua por Bartolomeu de Leão (*Catecismo brasílico da doutri*

---

[37] ANCHIETA, Joseph de. Idem supra, prefácio de Hélio Abranches Viotti, p. xxiv-xxv.
[38] História dos Collegios do Brasil; Manuscripto da Bibliotheca Nacional de Roma (copia). *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Bibliotheca Nacional, v. 19, 1897, p. 117.
[39] *Lettres dv Iappon, Perv, et Brasil* [...]. Paris: Thomas Brumen, 1578. p. 54.
[40] ARAÚJO, Antonio de. *Catecismo na Lingua Brasilica*; Reprodução fac similar da 1a. edição (1618). Rio de Janeiro: PUC do Rio de Janeiro, 1952. Apresentação de A. Lemos Barbosa, p. IX-XI.
[41] ARAÚJO, Antonio de. Catecismo na Lingoa Brasilica [...]. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1618. 16 f. inum., 179 f. num 1 f. inum.

na christã...).[42] Essa obra, além de conter as principais orações católicas, entre elas o "*Padre nosso*", a "*Ave Maria*", a "*Salue Rainha*" e o "*Credo*" em tupi, normalmente cantados pelos meninos indígenas, traz quatro "*Cantigas na lingoa, para os meninos da Sancta Doctrina. Feitas pello Padre Christouaõ Valente Theologo, et mestre da lingoa*". Na edição de 1686, intitulam-se "*Poemas brasilicos do Padre Christovão Valente, Theologo da Companhia de Jesus, Emendados para os mininos cantarem ao Santíssimo nome de Jesus* ".

Estas cantigas, à semelhança das de Anchieta, difundiram-se por longas distâncias. A 25 de maio de 1698, João Felipe Bettendorf informa que uma delas, "*Tvpa ci angaturama / Sancta Maria xejâra*", era comum nas aldeias do Pará, em fins do século XVII.[43] Cantigas e orações cantadas em tupi já eram extremamente usuais na época de Cristóvão Valente (1566-1627), entre os indígenas aldeados pelos jesuítas, como atesta Pierre du Jarric, em 1610:[44]

> *"De la vingt que ces barbares commencerent prendre goust & s`affectioner aux choses de nostre saincte foy, si que plusieurs demanderent d'estre enroolez au nombre des Catechumenes, lesquels faisoyent retenir les bois, le chalups, & les riuages des noms sacrez de Iesvs, & de Marie, chantans auec vn singulier goust & plaisir, le Pater, l'Aue, le Credo, & les autres oraisons Chrestiennes."*

Sebastiano Berettari, em 1618, dá este depoimento:[45]

> "Despues que se tocan, y se rezan las Auemarias, antes de oyr Missa se juntan a la puerta de la Iglesia los muchachos, y muchachas Brasiles, y diuididos en dos ordenes cãtã a coros en alta voz el Rosario de la Virgen. Dã prinicipio al rosario los muchachos diziêdo. *Bendito y glorificado sea el Sãtissimo nõbre de Iesvs*; y respõden las niñas, *y el de la Santissima Virgen Maria su madre, por siempre jamas amen*. Y luego comiencan cantando su Rosario; despues de cada diez Auemarias, dizen el *Gloria Patri*; y acabado el Rosario entran en la Iglesia; y oyen con los demas la Missa [...]".

No século XVII, essa prática jesuítica deslocou-se da costa para o interior. No Maranhão, independente do Brasil desde 13 de junho de 1621, os padres passam a ensi

---

[42] ARAÚJO, Antonio de. *Catecismo Brasilico da Doutrina Christaã* [...]. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1686. 16 f.inum., 371 p., 4 f. inum.

[43] BETTENDORF, João Felipe. Chronica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão (1698). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brazileiro*, Rio de Janeiro, v. 72, parte 1, 1910, p. 271.

[44] JARRIC, Pierre du. *Seconde Partie de l'Histoire des choses plus memorables advenues tant ez Indes Orientales, que autres pais de la descouuerte des Portugais* [...]. Bourdeaus: Simon Millanges Imprimeur, 1610. Cap. XXV, p. 271.

[45] BERETTARI, Sebastiano. *Vida del Padre Ioseph de Ancheta de la Compania de Iesvs, y Provincial del Brasil. Tradvzida de Latin en Castellano por el Padre Esteuan de Patermina de la misma Compañia, y natural de Logroño*. Salamanca: Emprenta de Antonia Ramirez viuda, 1618. Libro Tercero, Cap II, p. 157. Este fragmento já havia sido publicado em latim na *Vita R. P. Iosephi Anchietæ Societatis Iesv Sacerdotis in Brasilia defuncti. Ex iis qvæ de eo Petrvs Roterigvs Societatis Iesv Præses Prouincialis in Brasilia quatuor libris lusitanico idiomate collegit, alijs gss monumentis fide dignis a Sebastiano Beretario ex eadem Societate descripta. Prodit nunc primum in Germania*. Coloniæ Agripinæ, Ioannem Kinchivm sub Monocerote, 1617. Liber Secvndvs, § 35, p. 163.

nar aos índios "*os dogmas da nossa fé, pelo methodo que para isso trazião, conforme o louvavel costume das nossas aldeas do Brasil*", como declara José de Morais, em 1759.[46] O mesmo autor afirma que, no Pará, 1637, Luis Figueira "*querendo-lhes fosse mais suave o jugo da lei que professarão, lhes compoz em devotas canções pela sua mesma língua, com que havião de louvar a Deos, e sua Mãe Santíssima, aos Anjos e Santos do Ceo*".[47] André de Barros, em 1746, informa que, entre os índios da Serra de Ibiapaba (Ceara), nos anos de 1656-1657, os padres "*Compuzerão a santa doutrina em verso, e a ensinavão a cantar com agradáveis tons aos meninos, que a aprendião*".[48] João Felipe Bettendorf é o último jesuíta do século a publicar um catecismo em tupi, destinado ao ministério no Maranhão, o *Compendio da Doutrina Christa*ã *na lingua portugueza, & Brasilica*..., de 1678,[49] contendo a "*Oração do sinal da Sancta Cruz*", o "*Padre Nosso*", a "*Ave Maria*", a "*Salve Rainha*" e o "*Creio em Deos Padre*", em versão bilíngüe.

A empresa jesuítica, nesse século, não penetrava os sertões simplesmente para expandir a fé. Na costa, o sonho da "conversão" tornava-se, paulatinamente, uma esperança morta, obrigando-os à busca de novas paragens. Mecenas Dourado é o historiador que melhor ilustra o drama da Companhia nesses tempos.[50]

> "*E nos princípios do século XVII já não havia índios para catequisar, porque haviam emigrado, fugindo a essa catequese da qual nada compreendiam e nem lhe sabiam o proveito. Os jesuítas entretinham-se com os que puderam ficar ou com os que se renovavam - a serviço deles próprios e dos colonos. Convertidos? Não. Mal domesticados e recebendo passivamente - como sempre fizeram - ou por mera imitação, sem conteúdo psicológico, como sói acontecer aos primitivos, as cerimônias externas que os jesuítas lhes queria fazer representar*".

O procedimento desenvolvido pelos jesuítas no século XVI foi utilizado no Brasil até sua expulsão, em 1759. Contudo, a partir da década de 1590, essas experiência passa a ser aproveitada por religiosos de outras ordens. Nas aldeias da Paraíba, em c. 1593, os Franciscanos já se utilizavam do canto cristão em tupi, como declara Antonio de Santa Maria Jaboatão, em 1761 : "*Costumavão também os Indios cantar muitas cantigas brutaes, e gentilicas; e como, elles naturalmente sejão affeiçoados a musica, algumas vezes de noite cantavão as ditas cantigas, ao que os Religiosos acudindo, lhes compuzerão algumas devotas, que elles cantavão*".[51] Manuel da Ilha, em texto de 30 de agosto de 1621,[52] confirma a prática dos franciscanos, na aldeia de S. Miguel de Iguna (Paraiba), em fins do século XVI: "*et illorum quam plurimi musicis artibus canendi et*

---

[46] MORAIS, José de. História da Companhia de Jesus na extincta Província do Maranhão e Pará. In: ALMEIDA, Cândido Mendes de. *Memórias para a História do Extincto Estado do Maranhão* [...]. Rio de Janeiro: Typ. do Commércio de Brito e Braga, 1860. Livro I, cap. X, p. 76.
[47] Idem supra, livro II, cap. III, p. 202.
[48] BARROS, André de. *Vida do Apostolico Padre Antonio Vieira* [...]. Lisboa: Nova Officina Sylviana, 1746. Livro II, Parágrafo CCXVII, p. 232.
[49] BETTENDORF, João Felipe. *Compêndio de Doutrina Christaã na lingua Portugueza, & Brasilica* [...]. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1678, 10 f. inum., 142 p.
[50] DOURADO, Mecenas. Op. cit., p. 101-102.
[51] JABOATÃO, *Antonio de Santa Maria. Orbe Serafico Novo Brasilico* [...]. Lisboa: Officina de Antonio Vicente da Silva, 1671. Cap. XIV, relatorio I, p. 36.
[52] ILHA, Manuel da. *Narrativa da Custódia de Santo Antonio do Brasil - 1584-1621* (texto bilingue. Introdução, notas e tradução portuguesa por Frei Ildefonso Silveira). Petrópolis: Vozes, Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, 1975. p. 89.

pulsandi omnia instrumenta, quibus diebus festivis rem divinam decantant, sunt periti" (muitos dentre eles são mestres em música tanto vocal quanto instrumental, com o que nos dias de festa solenizam o culto divino). Os capuchinhos, divisão da ordem franciscana, deram sequência ao aproveitamento da técnica jesuítica na "Franca Equinocial" (Posteriormente Maranhão), entre 1612-1615. Capuchinhos franceses verteram para o tupi a "*Oraison Dominicale*" (*Pater Noster*), a "*Salutation Angelique*" (*Ave Maria*), o "*Symbole des Apostres*" (*Credo*), os "*dix Commandemens de Dieu*" (*Dez Mandamentos*), os "*Commandemens de la Saincte Eglise*" (*Mandamentos da Santa Igreja*) e os "*Sept Sacremens*" (*Sete Sacramentos*), publicados por Yves d'Evreux em 1615.[53] Claude d'Abbeville, em 1614, escreve sobre um dos índios catequizados do Maranhão, o qual "commençoit l'Oraison Dominicale en leur langue, qu'il leur faisoit dire mot a mot apres luy. Et pour leur faire retenir plus aisement, il trouua inuention de leur faire dire en chantant, auec l'*Aue Maria*, le *credo*, les Commandements de Dieu, de l'Eglise, & les Sept Sacremens.[54] D'Evreux tambem registra uma informação dos meninos catecumenos, os quais teriam declarado que "*Ils feront venir des* Miengarres [ou seja, 'nheengaribas`] *c'est a dire, des chantres Musicies, pour chanter les grandeurs du* Toupan".[55]

Na segunda metade do século XVII, instaura-se uma nova fase. Devido à progressiva extinção dos tupinambá e ao avanço da colonização, a "língua geral" torna-se, pouco a pouco, desinteressante à Coroa, chegando a ser proibida nas povoações de colonos e em núcleos mistos, pela provisão régia de 12 de outubro de 1727. Os religiosos, a partir dessa época, passam a se utilizar também de línguas não tupis, sendo os franciscanos, notadamente capuchinhos, os primeiros que expandem o ensino musical às nações cariri; Um de seus representantes, Martin de Nantes, residente, entre 1671 e 1686, em um grupo de aldeias cariri do rio São Francisco (das quais Uracapá era a mais importante), ensina-lhes a cantar, em português, o *Pater Noster*, a *Ave Maria*, o *Credo* e a *Salve Regina*. Em sua publicação de 1707, declara que, nessa aldeias, "*Ils ont de coûtume de chanter tous les soirs la Couronne de la Vierge partages en deux coeurs, chacun de son sexe, & cela aprés leur soûper, & ils chantent á la maniere Portugaise fort agréablement avec une espece de faux bourdon*".[56]

Martin de Nantes tambem é autor de um "*Cantico Espiritual sobre o Mysterio da Encarnação do Verbo Divino*" e de um "*Cantico Espiritual a S. Francisco, orago da Igreja Matriz dos Indios de Wracapa*", em versão bilíngue português-carirí, publicados em 1709 por seu irmão Bernardo de Nantes.[57] Provavelmente utilizados entre os índios, estes dois cânticos estão entre as primeiras formas de poesia cantada em língua não tupi. De composição tão antiga quanto os exemplos de Martin de Nantes, são os que Lodovico Vincenzo Mamiani delle Rovere imprimiu no *Catecismo da doutrina Christãa na Lingua Brasilica da Naçao Kiriri*..., em 1698.[58] Mamiani delle Rovere era um dos jesuítas que partiu para os sertões do país, escrevendo três "*Cantigas na Lingua Kiriri para cantarem os Meninos da doutrina com a versão em versos* Castelhanos do mesmo me

---

[53] D'EVREUX, Yves. *Svitte de l'Historie des choses plus memorables aduenues en Maragnan, es annees 1613, & 1614, Second Traite*. Paris, Imprimerie de Francois Huby, 1615. Second traite, cap. VII, f. 286v-290r.

[54] D'ABBEVILLE, Claude. *Histoire de la Mission des Peres Capucins en l'Isle de Maragnon et terres circonuoisines* [...] Paris: Imprimerie de Francois Huby, 1614. Cap. XIX, f.118 v.

[55] D'EVREUX, Yves. Op. cit., Second Traité, cap. I, f. 247v.

[56] NANTES, Martin de. *Relation Succinte et Sincere de la Mission du Pere Martin de Nantes* [...] Quimper, Jean Perier, [1707]. Second Partie, p. 33.

[57] NANTES, Bernardo de. *Katecismo Indico da Lingua Kariris* [...] Lisboa: Officina de Valentia da Costa Deslandes, 1709 .p. 152-167.

[58] MAMIANI DELLE ROVERE, Lodovico Vincenzo. *Catecismo da doutrina Christãa na Lingua Brasilica da Nação Kiriri* [...]. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1698. XVI, 236 p.

tro”, além de uma versão em cariri do “*Stabat Mater dolorosa*”. A novidade é que, pela primeira vez, o autor dedicou um espaço de seu livro à “solfa” desses textos, ou seja, à música com a qual deveriam ser cantados, fato único, que indica uma preocupação com o aprimoramento da técnica do emprego musical. Na América Espanhola foram comuns os catecismos com música impressa, sobretudo no século XVIII[59] mas é possível que, no Brasil, o acúmulo de insucessos na catequese tenha desestimulado os padres a investir esforços nesse tipo de publicação.

Normalmente, a música de orações e cantigas era transmitida oralmente, quando não era inventada pelos próprios padres, podendo estar irremediavelmente perdida. O livro de Mamiani delle Rovere é caríssimo e não se encontrou, até o momento, um exemplar que contivesse as parte musicais, uma vez que não foram impressas em todas as cópias. Essas “cantigas”, apesar da violência cultural que representam, são de grande importância para a musicologia brasileira, provavelmente os únicos exemplos musicais registrados, em toda essa fase, estando à espera de pesquisas que permitam sua recuperação.

Nesses primeiros séculos da colonização do país, foram desenvolvidas todas as técnicas básicas de catequese indígena, sobretudo no que tange à utilização da música. Inovações surgem apenas na era do rádio e das gravações, a bem da verdade, numa época em que a catequese já não tem mais qualquer função colonizadora, frente à brutal invasão dos territórios indígenas pelas populações brancas.

Observamos que, nesse processo, a utilização da música exerceu um papel crucial, se não na própria “conversão”, ao menos na “deculturação”. Desse passado, de particular interesse para a musicologia, resta recuperar e estudar os documentos mais importantes, principalmente os documentos sonoros, para incorporá-los à história de nossa prática musical.[60] Não como “peças de museu”, mas como exemplos vivos de um tempo ainda não tão distante, para não ter o que nos ensinar.

Bibliografia

ALMEIDA, Cândido Mendes de. *Memorias para a historia do extincto Estado do Maranhão cujo território comprehende hoje as Provincias do Maranhão, Piauhy, Grão-Pará e Amazonas colligadas e annotadas por Candido Mendes de Almeida*: Historia da Companhia de Jesus na extincta Provincia do Maranhão e Pará pelo Padre José de Moraes da mesma Companhia. Rio de Janeiro: Typ. do Commercio de Brito & Braga, 1860. v.1, XV, 554 p.

ANCHIETA, Joseph de. *Arte de grammatica da língoa mais vsada na costa do Brasil* [...]. Coimbra: Antonio de Mariz, 1595. 58 f.

ANCHIETA, Joseph de. *Poesias*: Manuscrito do século XVI, em português, castelhano, latim e tupi; transcrição, traduções e notas de M. de L. de Paula Martins. São Paulo: Ed.Comemorativa do IV Centenário da Fundação de São Paulo, 1954. 833 p. (Museu Paulista, Documentação Linguistica, Boletim 4)

ARAÚJO, Antonio de. *Catecismo Brasilico da Doutrina Christaã* [...]. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1686. 16 f.inum., 371 p., 4 f. inum.

---

[59] LEMMON, Alfred E. Jesuit Chroniclers and Historians of Colonial Spanish America: Sources for the Ethnomusicologist. *Inter-American Music Review*, v. 10, n 2, spring/summer 1989. p. 119-121.

[60] Algumas melodias usadas na catequese jesuítica do séc. XVI foram investigadas em: BUDASZ, Rogério. A presença do Cancioneiro Ibérico na Lírica de José de Anchieta - um Enfoque Musicológico. *Revista de Música Latino Americana / Latin American Music Review*, Austin, v. 17, n. 1, p. 42-77, Spring / Summer 1996.

ARAÚJO, Antonio de. *Catecismo na Lingoa Brasilica* [...]. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1618. 16 f. inum., 179 f. num 1 f. inum.

ARAÚJO, Antonio de. *Catecismo na Lingua Brasilica*: Reprodução fac similar da 1ª edição (1618), com apresentação pelo P.e A. Lemos Barbosa. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1952. XVII p., 16 f. inum., 179 f. num.

ATAS da Câmara da Vila de São Paulo 1562-1700. São Paulo: Câmara Municipal de São Paulo / Arquivo Municipal, 1914-1915. 7 v.

BARROS, André de. *Vida do Apostolico Padre Antonio Vieira* [...]. Lisboa: Nova Officina Sylviana, 1746. 12 f. inum., 686 p.

BERETTARI, Sebastiano. *Vida del Padre Ioseph de Anchieta de la Compañia de Iesvs, y Provincial del Brasil*. Tradvzida de Latin en Castellano por el Padre Esteuan de Paternina de la misma Compañia y natural de Logroño. Salamanca: Antonia Ramirez viuda, 1618. 8 f. inumj., 430 p., 1 f. inum.

BERETTARI, Sebastiano. *Vita R. P. Iosephi Anchietæ Societatis Iesv Sacerdotis in Brasilia defuncti. Ex iis qvæ de eo Petrvs Roterigvs Societatis Iesv Præses Prouincialis in Brasilia quatuor libris lusitanico idiomate collegit, alijs gss monumentis fide dignis a Sebastiano Beretario ex eadem Societate descripta. Prodit nunc primum in Germania*. Coloniae Agrippinae: Ioannen Kinchivm, 1617, 1 f. inum. 427 p. 1 f. inum.

BETENDORF, João Felipe. Chronica da missão dos padres da Companhia de Jesus no estado do Maranhão. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brazileiro*, Rio de Janeiro, v. 72, n. 1, p. 1-697, 1910.

BETTENDORF, João Felipe. *Compêndio de Doutrina Christaã na lingua Portugueza, & Brasilica* [...]. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1678, 10 f. inum., 142 p.

BRANDÃO, Mário (org). *Documentos de D. João III*. Coimbra, Universidade de Coimbra, 1938. 3 v.

BUDASZ, Rogério. A presença do Cancioneiro Ibérico na Lírica de José de Anchieta - um Enfoque Musicológico. *Revista de Música Latino Americana / Latin American Music Review*, Austin, v. 17, n. 1, p. 42-77, Spring / Summer 1996.

CAXA, Quirício. Breve relação da vida e morte do P . Jose de Anchieta (1598). In: LEITE, Serafim. A primeira biografia inédita de José de Anchieta. Separata da Revista **Brotéria**, Lisboa, Ed. Brotéria, v. 18, mar./abr. 1934, 29 p.

D'ABBEVILLE, Claude. *Histoire de la Mission des Peres Capucins en l'Isle de Maragnon et terres circonuoisines* [...] Paris: Imprimerie de Francois Huby, 1614. Cap. XIX, f.118 v.

D'EVREUX, Yves. *Voyage Dans le Nord du Brésil Fait Durant les Années 1613 et 1614 par le Père Yves D'Evreux*: Publié d'Après l'exemplaire unique Conservé a la Bibliothèque Imperiale de Paris; Avec une Introduction et des notes par M. Ferdinand Denis, conservateur à la biblitheque sainte Geneviève. Leipzig / Paris: Libraire A. Franck Albert L. Herold, 1864. xlviii, 456 p. (Bibliotheca Americana, Collection d'ouvrages inédite ou rares sur l'Amerique)

DOURADO, Mecenas. *A conversão do gentio*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958. p. 25.

HISTORIA dos Collegios do Brasil: Manuscripto da Bibliotheca Nacional de Roma (copia). *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 75-144, 1897.

ILHA, Manuel da. *Narrativa da Custódia de Santo Antonio do Brasil - 1584-1621*: texto bilingue. Introdução, notas e tradução portuguesa por Frei Ildefonso Silveira,

O.F.M. Petrópolis: Vozes / Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, 1975. 148 p.

JABOATÃO, Antonio de Santa Maria. *Orbe Serafico Novo Brasilico* [...] Lisboa: Antonio Vicente da Silva, 1761. 17 f. inum., 248, 283, 15 p.

JARRIC, Pierre du. *Seconde Partie De L'Histoire des choses plvs memorables advenves tant ez Indes Orientales, que autres païs de la descouuerte des Portugais, En l'establissement et progrez de la foy Chrestienne et Catholoque: Et principalement de ce que les Religieux de la Compagnie de Iesvs y ont feict, & enduré pour la mesme fin. Depuis qu'ils y sont entress iusqu'à l'an 1600*. [...] Bovrdeavs: Simon Millanges, 1610, 1 f. inum. 699 p., 20 f. inum.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa: Livraria Portugalia; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira / Instituto Nacional do Livro, 1938-1950. 10 v.

LEITE, Serafim. *Monumenta Brasiliae I-V (1539-1568).* Roma: Monumenta Historica S.I., 1956-1968. 5v. (Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis Edita, volumen 79-81, 87, 99. Monumenta Missionum Societatis Iesu, v. X-XII, XVII, XXVI. Missiones Occidentales)

LEMMON, Alfred E. Jesuit Chroniclers and Historians of Colonial Spanish America: Sources for the Ethnomusicologist. *Inter-American Music Review*, v. 10, n 2, spring/summer 1989. p. 119-121.

LETTRES dv Iappon, Perv, et Brasil, Enuoyees av. R. P. General de la Societé de Iesus, par ceux de ladite Societé qui s'employent en ces Regions, à la conuersion des Gentils [...]. Paris: Thomas Brumen, 1578. 110 p., 1 f. inum.

MAMIANI DELLE ROVERE, Lodovico Vincenzo. *Catecismo da doutrina Christãa na Lingua Brasilica da Nação Kiriri* [...]. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1698. XVI, 236 p.

NANTES, Bernardo de. *Katecismo Indico da Lingva Kariris* [...] Lisboa: Valentim da Costa deslandes, 1709. 11 f. inum., 363 p.

NANTES, Martin de. *Relation Succinte et sincere de la Mission du Pere Martin de Nantes. Prédicateur Capucin, Missionaire Apostolique dans le Brezil parmy les Indiens appellés Cariris*. Quimper: Jean Perier, [c.1707]. 8 f. inum., 236 p., 1 f. inum.

RODRIGUES, Pero. Vida do Padre José de Anchieta pelo Padre Pedro Rodrigues conforme a cópia existente Biblioteca Nacional de Lisboa (1607). *Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro,* Rio de Janeiro, v. 29, p. 1-319, 1907.

THEVET, André. *La Cosmographie Universelle*: Illvstree de Diverses Figvres de Choses plvs Remarquablesc Vevës par l'Auteur, & incogneuës de noz Ancienz & Modernes. Paris: Guillaume Chandiere, 1575. 2 v.

TINHORÃO, José Ramos. A deculturação da música indígena brasileira. *Revista brasileira de Cultura,* Rio de Janeiro, n. 13, jul./set. 1972, p. 9-25.

PAULO AUGUSTO CASTAGNA é pesquisador da música brasileira, graduado e pós-graduado no Depto. de Música da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Este trabalho foi baseado na dissertação de mestrado *Fontes bibliográficas para a pesquisa da prática musical no Brasil nos séculos XVI e XVII,* desenvolvida entre 1988 e 1991, sob os auspícios da FUNARTE - Fundação Nacional da Arte - e da FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.